

Pesquisa Teoria e Metodologia

## A Investigação Apreciativa como Tecnologia para a Pesquisa em Saúde Coletiva

*Appreciative Inquiry How Technology For Research In Public Health*

LUANA GABRIELE NILSON<sup>1</sup>  
DALVAN ANTÔNIO DE CAMPOS<sup>2</sup>  
EDUARDO JOSÉ DALLEGRAVE<sup>3</sup>  
RODRIGO OTÁVIO MORETTI-PIRES<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda em Saúde Coletiva Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC- Brasil

<sup>2</sup>Doutorando em Saúde Coletiva Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC- Brasil

<sup>3</sup>Aluno do Programa de Pós- Graduação em Educação Física Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC- Brasil

<sup>4</sup>Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC- Brasil

**RESUMO** - As características do trabalho em saúde convidam à busca por tecnologias que possibilitem construir formas de entendimento entre as pessoas, valorizando a multiplicidade e respeitando os diferentes protagonistas envolvidos no fazer saúde. Assim, o Construcionismo Social, ao valorizar os efeitos da interação, do processo relacional e dos discursos dissidentes, cria espaços que consideram cultura e história locais, oportunizando falar de saúde além da doença. Esse estudo apresenta a Investigação Apreciativa como uma tecnologia para a pesquisa construcionista em saúde, com foco nas descrições apreciativas através da linguagem. Iniciamos contextualizando sua inserção no campo da saúde coletiva, seguindo para a apresentação enquanto modelo metodológico. Na sequência, uma breve relação da Investigação Apreciativa com o trabalho em saúde e para o trabalho em saúde, para então apresentar como podemos aplicar esta tecnologia para fazer pesquisa.

**Palavras-chave:** Investigação Apreciativa; Saúde Coletiva; Técnicas de Pesquisa.

**ABSTRACT** - The characteristics of work in the health area encourages the search for technologies that enable building understanding between people, valuing the multiplicity and respecting the different actors involved in health practices. Thus, Social Constructionism, by enhancing the effects of interaction, relational process and divergent speeches, creates spaces that consider local culture and history, providing opportunities to talk about health beyond disease. This study presents the Appreciative Inquiry as a technology for constructionist research in health, focusing on appreciative descriptions through language. We begin by contextualizing its integration into the public health field, heading for the presentation as a methodological model. Following a brief relation between the Appreciative Inquiry's and the health work, and then present how we can apply this technology in researches.

**Keywords:** Appreciative Inquiry; Public Health; Investigative Techniques.

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho em saúde pode ser desenvolvido de formas diversas, desde aqueles mais centrados na tecnologia até os mais criativos, com foco nas relações pessoais, que são amplamente desenvolvidos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) pelas equipes de Saúde da Família (SF) e Atenção Básica à Saúde (ABS).

O mundo moderno intensificou a especialização e o individualismo, promovendo a busca pelo sucesso individual e diminuindo o trabalho em grupo, mas duas características importantes do trabalho em saúde incluem o fato de que este trabalho não gera um produto material, e sim um produto para satisfazer a uma necessidade, e o trabalho em saúde só se dá com

**Autor correspondente**

**Luana Gabriele Nilson**

Universidade Federal de Santa Catarina-SC

Rua Lauro Linhares, 689 bloco 3- Apto. 404- Trindade

CEP: 88036-001 Florianópolis, SC – Brasil

Email: [luanagnilson@gmail.com](mailto:luanagnilson@gmail.com)

Tel.: (49) 99375074

Artigo encaminhado 08/12/2014

Aceito para publicação em 20/12/2014

a soma de saberes, já que nenhuma profissão na saúde detém conhecimento suficiente para trabalhar e produzir saúde sozinha, sem colaboração das demais profissões<sup>1</sup>, trazendo um olhar integral, em oposição

ao foco no indivíduo e fortalecendo o estímulo ao trabalho interdisciplinar e integral.

O modelo unicausal – biomédico, apesar de ter se tornado hegemônico nos serviços a partir do final do século XIX, não deu conta de melhorar os indicadores sanitários, porém favoreceu o intenso desenvolvimento e valorização do complexo médico-hospitalar, mas com o passar do tempo cresceu a necessidade de repensar o modelo de atenção<sup>2</sup>. Na segunda metade do século XX, principalmente através do Movimento pela Reforma Sanitária, a busca por uma nova visão do processo saúde-doença se intensificou, incorporando as dimensões biológica, social, higienista/preventivista, de forma a compreender integralmente o processo saúde-doença, levando em conta os contextos social, histórico e psíquico e necessitando, portanto, de ações para proteção, promoção, recuperação e reabilitação da saúde<sup>2</sup>.

Nesse modelo, as relações de grupo são permeadas por diferentes posturas individuais e grupais e expressam o contexto histórico, social e cultural envolvidos, o que tem reflexos sobre a construção do trabalho de forma singular. Marsiglia apresenta as equipes de SF justamente com atribuições relacionadas à identificação da comunidade com suas necessidades próprias e atuante na busca pelas soluções dos problemas junto com os profissionais e gestores<sup>3</sup>. E ainda, que o trabalho se dê em uma perspectiva de integração e relações horizontais, com valorização de todos e privilegiando o diálogo como ferramenta para a ação conjunta<sup>3</sup>.

Porém, Guanaes e Mattos apresentam algumas dificuldades relatadas por diversos autores em relação à construção do trabalho das em SF: dificuldade de articulação interna da equipe e para estabelecer com a comunidade a construção de ações intersectoriais e o controle social; o desafio de expandir as práticas para além da doença e da individualidade do cuidado em busca de interdisciplinariedade e de ações integrais para o cuidado da coletividade<sup>4</sup>.

Torna-se imprescindível empregar na saúde tecnologias que possibilitem a construção de uma forma de entendimento entre as pessoas e a construção de uma realidade própria. Essas tecnologias em saúde são analisadas como leve, leve-dura e dura. São leves as das relações: aquelas que envolvem os processos relacionais, o vínculo, a tomada de decisões, o acolhimento e a organização do processo de trabalho, que materializam as práticas relacionais; leve-duras são as dos saberes

estruturados, tais como as teorias; e, duras são as dos recursos materiais<sup>5,6</sup>.

Tecnologias são aqui apresentadas como recurso que permite que determinado resultado seja alcançado através de um processo que requer o desenvolvimento de ações articuladas e conhecimento teórico<sup>7</sup>. Nesta proposta, tendo o Construcionismo Social como referencial teórico, o objetivo desse trabalho é apresentar a Investigação Apreciativa como uma tecnologia para pesquisas na área da saúde com potencial de transformar e construir realidades com a participação dos diferentes atores envolvidos – usuários, profissionais, gestores, todos protagonistas no fazer saúde.

## 2. APRESENTANDO O CONSTRUCIONISMO SOCIAL E A INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA

O Construcionismo Social (CS) é uma postura filosófica que expressa formas de ação sobre o mundo, valoriza a multiplicidade, as especificidades históricas, culturais e locais e a linguagem como ação social, tendo foco na interação e no processo<sup>8</sup>. Para o CS o conhecimento é construído na interação dos diversos protagonistas, tendo a linguagem como central, como possibilidade para a comunicação e construção social através da expressão; uma linguagem relacional, vista como construção da realidade, e não como mera representação da mesma<sup>9</sup>.

Gergen apresenta quatro premissas que fundamentam o CS. A primeira aponta que o conhecimento não é possível pela observação, mas sim é construído com múltiplas possibilidades que mudam com o contexto social, histórico e cultural daqueles que estão em interação. A segunda, que as construções da realidade mudam de acordo com o momento histórico e as pessoas que estão em relação. A terceira premissa trata da verdade a serviço daqueles que a validam para sustentar padrões. E por último, a verdade é questionável como forma absoluta de descrever uma realidade, sendo propostas verdades múltiplas e construídas, com centralidade na linguagem que é fruto da ação social<sup>10</sup>.

Para o CS, a voz do pesquisador não deve se impor sobre o conteúdo e produzir uma descrição dos participantes da pesquisa que seja imutável, definitiva, sendo primordial que haja concordância, mas principalmente, desejo de participar do estudo, o que pode ser conseguido pelo convite a partir da apresentação do projeto. Na perspectiva dialógica, um relato que apresenta os participantes de uma pesquisa como parte de um processo de transformação, deve incluir que o pesquisador

também construído e transformado neste processo, não sabendo previamente como ser pesquisador naquele contexto<sup>11</sup>. Nesta forma de fazer pesquisa, todos os participantes constroem e são construídos, a medida que os efeitos produzidos são mais que apenas resultados.

O foco do CS não está no indivíduo, mas sim na interação, no processo e nos efeitos construídos por esses “elementos” que produzem entendimento no contexto conversacional e apresentam outras possibilidades de verdade, contrariando uma descrição absoluta da realidade<sup>9, 12</sup>. “[...] o discurso construcionista social propõe a compreensão de que o conhecimento é sustentado por processos sociais”<sup>4:1010</sup>.

A postura construcionista social é crítica em relação a tudo que se toma como óbvio e os padrões que produziram tais descrições, valoriza discursos dissidentes e olha para os efeitos da produção, a partir da opção por seguir um percurso e uma maneira de falar sobre algo<sup>8</sup>. O conhecimento é tratado como um artefato social, sustentado por processos sociais, onde não há evolução, mas mudanças.

Neste contexto, apresentamos a Investigação Apreciativa (IA) como um modelo metodológico que vem sendo empregado para possibilitar a pesquisa construcionista relacional, levando em conta os modelos tradicionais de pesquisa científica, mas com foco em descrições apreciativas. A IA vê na linguagem uma construtora de realidades, e, ao valorizar o que funciona nas equipes, utiliza a pesquisa para produzir possibilidades, multiplicidade e potencialidades<sup>13</sup>.

Tomando como referencial o CS, a gestão do trabalho requer uma postura que alcance envolvimento e comprometimento de profissionais, gestores e daqueles que serão beneficiados pelo serviço e exige que se considere a linguagem e a comunicação entre os aspectos de interação, permanência e construção sócio relacional no trabalho e, além disso, a dinâmica das relações e as transformações dos sujeitos, bem como a organização da sociedade, trazem a necessidade de reflexão sobre a forma de atuar nos ambientes organizacionais para acompanhar essas mudanças<sup>14</sup>.

Existem outras formas de apresentar a gestão, mas nossa opção é por falar dela como parte do trabalho em saúde, construída com os diversos agentes do trabalho, gestores e usuários, que ao interagirem produzem e estruturam a forma de acontecer que melhor atenda às suas necessidades e realidade<sup>15</sup>.

E é com essa configuração que apresentamos a Investigação Apreciativa (IA), como um processo em busca de sentidos coletivos desenvolvidos de forma colaborativa e cooperativa e com foco no que os participantes propõem como sendo o que dá certo<sup>14, 16</sup>.

A IA surgiu no fim da década de 1980, como uma tecnologia para gestão de mudanças nas organizações, a partir de estudos de David Cooperrider e seus colegas, nos Estados Unidos<sup>14</sup>. Compreende a exploração e reconhecimento do que há de melhor nas pessoas e no que as cerca<sup>13,17</sup>. Essa busca pelo que há de melhor nos profissionais e organizações, mobiliza para mudanças através de perguntas que focam no que dá certo, do fortalecimento das capacidades e do desenvolvimento das potencialidades explícitas e não explícitas de quem participa do processo que emprega essa tecnologia. Não há realidade que represente diferentes situações e aquilo que se elege como foco promove a construção de uma dada realidade.

Sua aplicação se dá através do Ciclo 4D (Figura 1), que compreende quatro fases<sup>13,18</sup>.

- *Discovery* (descoberta): busca entre os participantes das narrativas de sucesso e revelar a capacidade de fazer o melhor. É desenvolvida através de entrevistas com perguntas que convidam a falar sobre o que dá certo, que podem ser feita entre os pares ou por quem desenvolve a pesquisa. É a fase que prepara pra o restante do ciclo e que promove a apreciação do que há de melhor em seu grupo ou local de trabalho;

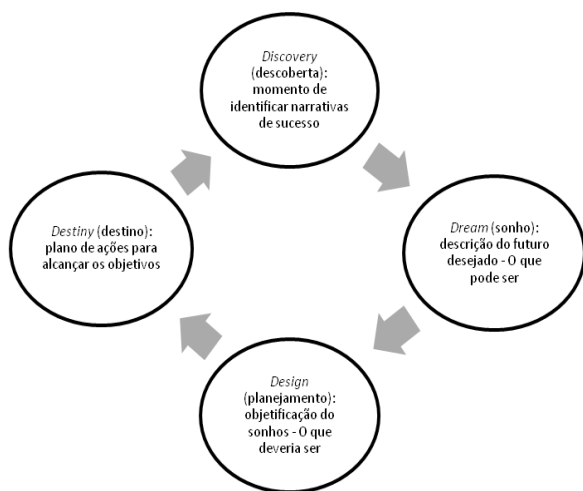
- *Dream* (sonho): nessa fase os participantes elaboram uma descrição do futuro que desejam, imaginando seu local de trabalho ao alcançarem os desejos e o que entendem como pontos fortes;

- *Design* (planejamento): desenvolvimento do planejamento para alcançar os sonhos. Traz para a construção do futuro os exemplos listados como bons do passado e aquilo que deu certo, objetivando o que buscam;

- *Destiny* (destino): estabelecimento do plano

de ações para cumprir o planejamento e realizar os sonhos de forma alinhada aos princípios, visão e valores do seu grupo.

Figura 1: Fases da Investigação Apreciativa



Fonte: Adaptado de DUTRA, 2010<sup>14</sup>.

Há alguns pressupostos que, segundo Cooperrider e Whitney, guiam a IA desde sua elaboração: sempre há algo que funciona, a realidade é fruto do nosso foco, múltiplas realidades criam realidade, perguntas têm influência sobre o grupo, falar de experiências que dão certo promove confiança no futuro e valorização das diferenças, e a realidade é criada pelo uso da linguagem<sup>13</sup>.

Com o emprego da IA e o estímulo ao diálogo e reflexão sobre as histórias de realização que deram certo, se estabelecem realidades relacionais renovadas e a possibilidade de construção de um projeto do qual os participantes façam e sintam-se parte<sup>19</sup>. Faz-se estabelecer laços e vínculo, estimulando o sentimento de pertencimento e importância no grupo, construídos nesse processo.

De acordo com Coperrider e Whitney<sup>18</sup>, quando empregada, a IA compreende princípios e práticas com a ideia de que o trabalho em grupo, além de alcançar objetivos, transforma através do convite para uma “revolução positiva” e produz efeitos sobre os sujeitos envolvidos. Essa tecnologia convida as pessoas a contar histórias e assume a ideia da construção social da realidade para seu extremo de sucesso em cada contexto, em especial com ênfase na metáfora e narrativa, em formas relacionais de conhecimento, na linguagem e seu próprio potencial. Cooperrider<sup>20</sup> considera que há o estímulo à participação ativa de todas as pessoas.

Com o seu emprego se estabelece espaço para construção coletiva de sentidos sobre o objeto investigado, a partir da participação de todos os

envolvidos. Cria-se a cada pesquisa, apesar do emprego do mesmo método, um novo processo e resultados próprios, que são reflexos da realidade daquele grupo, local, momento<sup>13</sup>, e que se constituem a partir da linguagem e de seu uso para a elaboração das descrições expressas por cada participante sobre seu local de trabalho e aquilo que ele oferece de melhor quanto aos processos desenvolvidos em grupo.

Cooperrider e Whitney descrevem cinco princípios da IA: construcionista (descrições são construções que se dão em processos com as pessoas), da simultaneidade (pesquisa como intervenção), poético (história das pessoas reflete em suas escolhas e construção), antecipatório (futuro construído pela nossa visão dele no presente), positivo (foco no positivo promove engajamento no processo). Esses princípios norteiam a prática do pesquisador ao empregar a IA<sup>13</sup>, e valorizam os atores e suas relações, os efeitos que suas escolhas e construções compartilhadas podem provocar, propondo outra possibilidade de atuar que coloca as energias disponíveis na busca por alcançar um objetivo compartilhado e desejado por todos, o que estimula participação ativa e satisfação.

O CS também aparece entre os nove princípios reguladores apresentados por Varona, que considera que a IA se estrutura em bases teóricas consistentes<sup>14</sup>. Assim, tendo como referencial teórico o CS, a IA oportuniza processos de construção e transformação a partir da valorização de todos os atores que constroem juntos todo o percurso.

Whitney e Trosten-Bloom definem seis liberdades alcançadas com a IA: liberdade para ser reconhecido e para conhecer o outro; liberdade para ser ouvido – o que é oportunizado nas entrevistas, que despertam para falar e participar da construção permanente daquele grupo; liberdade para sonhar em conjunto e gerar vínculos; liberdade para escolher contribuir e com isso se comprometer e fazer o melhor; liberdade para agir com apoio; liberdade para ser positivo; e também, a liberdade que empodera e conduz à mudança positiva<sup>18</sup>. O sentimento de liberdade vem com a valorização das pessoas e do seu espaço para que sonhem e desejem um futuro, produzindo um espaço real de construção de mudanças. Uma liberdade que se relaciona com a possibilidade de escolhas pelos participantes e sentimento de pertencimento no processo e seus resultados.

### 3. INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA E O TRABALHO EM SAÚDE

A proposta de equipes multiprofissionais veio para solucionar os entraves da fragmentação do trabalho e do cuidado, com desafios que perpassam os conceitos de complementaridade e interdependência dos saberes, e que, para conquistar eficácia e eficiência nos serviços, precisa aliar autonomia técnica à articulação de ações dos profissionais em um contexto em que há distância entre as necessidades e propostas políticas e assistenciais e requerer aproximação dos envolvidos nos contextos político-ideológicos e de processo de trabalho<sup>21</sup>.

Os mesmos autores apresentam estudos em que são apresentadas melhoria das condições de vida e saúde da população assistida, mas também pontos negativos e limitações, expressas principalmente pelo caráter normativo e prescritivo das políticas de saúde, que impõem critérios fixos que desconsideram a complexidade e diversidade brasileiras, bem como propõem composição de equipes muitas vezes insuficientes ou que não respondem às necessidades locais específicas. Isso é agravado pelas condições de trabalho precárias e vínculos trabalhistas variados e pela sobrecarga dos atendimentos que acaba por afetar o tempo que deveria ser disponibilizado para o planejamento e avaliação e outras atividades propostas pelas políticas.

Fortuna et al<sup>22</sup> propõem um trabalho em equipe que seja o veículo para novos caminhos no trabalho em saúde. Um trabalho em saúde que é produção de trabalhadores e do grupo, mas que também os produz a medida que promove transformações, em um processo contínuo que se constitui nas relações entre as pessoas – de poder, saber, afeto, interesse e desejo, e que enfrenta dificuldades, momentos bons e ruins durante o percurso, porém possibilita um aprender e construir com o grupo.

Para que haja trabalho interdisciplinar é preciso mais que diferentes profissões atuando junto sem articulação: é necessário conexão de processos de trabalho a partir de conhecimento e valorização sobre o trabalho do outro e sua participação no cuidado em saúde, havendo pactuação acerca do que se espera alcançar e como caminhar para isso; um trabalho que considere o trabalhador humano e possibilite satisfação e realização pessoal<sup>21</sup>. Um caminho para o trabalho em equipe de saúde, de forma interdisciplinar, está na promoção de espaços de diálogo e comunicação, onde todos possam expressar-se, mas que, além disso, sintam-se livres para participar.

O trabalho em saúde é complexo e envolve desafios que podem ser superados se houver trabalho

conjunto e corresponsabilização, e a pesquisa construcionista social possibilita a inserção da prática dialógica e o estímulo ao trabalho interdisciplinar que oportuniza essa relação de construção compartilhada de sentido para o trabalho<sup>4</sup>.

Na proposta do CS, para o emprego da IA nas pesquisas em saúde, deve-se considerar a escolha dos tópicos de investigação, levando em conta o que dá certo, através de relatos passados e propondo reflexões sobre o que há de melhor para o futuro, contemplando cada participante e o grupo. O convite para participar, na busca pelo diferente e sua descrição pela compreensão dos sentidos da construção, deve buscar a maior participação possível dos envolvidos no contexto estudado, sendo que, quando for necessário fazer um recorte, a escolha pelos participantes deve ser pensada levando em consideração a diversidade entre eles<sup>13</sup>.

As conversas oportunizadas durante a pesquisa apreciativa devem ser inspiradoras e possibilitar efetivamente a construção de significados e sentidos coletivos, dando à comunicação a responsabilidade que lhe é devida, de promover união e convergência de comportamentos, sonhos e interesses<sup>13</sup>.

Relatos de emprego da IA em pesquisas na saúde ainda são escassos, porém, já existem, indicando caminhos e descrevendo percursos e os resultados, convidando para novas possibilidades de trabalho que não tenham como alicerce os problemas.

Em pesquisa com uma equipe de Consultório na Rua, o uso da entrevista inspirado na IA possibilitou que a equipe refletisse sobre seu trabalho e identificasse aspectos úteis para a continuidade do mesmo. O roteiro construído procurou dar espaço para que a equipe relatasse e refletisse sobre os aspectos do que vinha desenvolvendo e que estava dando certo, de forma a criar outras possibilidades de ação a serem desenvolvidas. Ao final, a experiência oportunizou a valorização do trabalho feito e o estímulo para que novas políticas e práticas relacionadas a esse serviço inovador sejam implementadas e alcancem mais usuários<sup>23</sup>.

O emprego da metodologia de trabalho com base no CS e na abordagem apreciativa também favorece o trabalho com grupos, aprimorando e fortalecendo a relação entre equipe de saúde e usuários e oportunizando espaço para o diálogo e a interação, onde são identificadas as potencialidades, qualidades e recursos para lidar com o que se apresenta como dificuldade. Esse processo pode dar de forma individual ou grupal, acessível a todos que participam

e constroem os espaços coletivos, a medida em que transformam e são transformados<sup>24</sup>.

Estudo de Razzolini Filho et al<sup>25</sup> aponta ainda a IA como importante metodologia para o planejamento estratégico das organizações, contribuindo para a participação e integração de todos os sujeitos. O seu emprego é simples e, nas etapas iniciais do planejamento, no diagnóstico e na construção da missão, possibilita a vantagem de todos contribuírem com o processo, sentirem-se incluídos e atuarem.

Essas pesquisas apontam diferentes possibilidades para o emprego da IA, que contemplam desde os profissionais e o olhar sobre seu processo de trabalho, planejando as ações tendo como ponto de partida as potencialidades da equipe, até o planejamento e execução de práticas clínicas e de manejo a longo prazo.

Incorporar a prática apreciativa ao trabalho estimula a visualização e foco nos aspectos positivos, a valorização dos envolvidos e a construção de novas possibilidades. Para Gergen e Gergen<sup>19</sup>, o emprego da IA e o estímulo ao diálogo e reflexão sobre as histórias de realização e sucesso, tem potencial para estabelecer realidades relacionais renovadas e a possibilidade de construção de um projeto do qual os participantes façam e sintam-se parte. Além disso, a valorização dos relatos de todos e a oportunidade de participação nos espaços de promoção do diálogo e/ou de construção coletiva, podem qualificar o trabalho em equipe no cotidiano local.

Nessa perspectiva de mudança na organização e funcionamento das equipes de saúde e da forma como se articulam para o trabalho, a Investigação Apreciativa, em uma perspectiva Construcionista Social, e o Construcionismo Social são possibilidades para a construção de um novo caminho em direção ao sucesso e realização, que leve consigo aqueles que participam do percurso e o transformam.

#### 4. PESQUISANDO COM A INVESTIGAÇÃO APRECIATIVA

Para o emprego da IA, há alguns pontos a se considerar desde o início<sup>13</sup>.

- Escolha dos tópicos de investigação: que deve levar em conta aquilo que deu certo, através de relatos de experiências do passado e propondo reflexões sobre o que há de melhor para o futuro, contemplando cada participante e o grupo.

- Convite para participar: deve ser feito com uma descrição para a compreensão dos sentidos da construção. A busca deve ser para a maior

participação possível dos envolvidos no contexto estudado.

- ciclo 4-D: desenvolvido para a construção da pesquisa.

A escolha do tópico afirmativo é o ponto inicial e mais importante para o processo de IA; ele será descrito em forma de perguntas que comporão as entrevistas de descoberta<sup>18</sup>. O tópico apreciativo compreende o eixo central sobre o qual se desenvolverá a construção do processo pelo emprego da IA. A apreciação é extremamente estimuladora, pois serve como alavanca para os pontos fortes de profissionais e organizações, estimulando o compromisso na construção de serviços que correspondam aos objetivos dos participantes, em busca de soluções que explorem as forças e todo o potencial em busca de um objetivo comum.

Para Gergen “o sentido então é construído na coordenação de um enunciado com a resposta a ele”<sup>26:11</sup>, e é no relacionamento humano grupal que se produz e sustenta determinado conhecimento<sup>26</sup>. Nesse contexto, a construção de autonomia é vista como a construção colaborativa de relações fortalecedoras entre os protagonistas envolvidos em dado processo, e não como a capacidade individual para tomada de decisões<sup>26</sup>. A saúde pode ser então reconhecida em sua complexidade, como espaço de diferentes tradições culturais e múltiplas vozes. Ressalta-se aqui a importância da coletividade e a possibilidade de olharmos as múltiplas vozes e sentidos que permeiam as relações e a comunicação nas equipes de SF.

A partir do tópico apreciativo todo o percurso seguirá sendo construído. As entrevistas serão planejadas de forma a oportunizar espaços de construção acerca dos temas eleitos, estimulando a apreciação pelo que cada ator entende como o melhor ao contar suas histórias. A entrevista como coletora de dados na IA, prevê construção conjunta, sem tempo pré-fixado, podendo se dar em um ou vários encontros, em ambiente informal e que respeite o sujeito envolvido<sup>13</sup>. Há uma proposta prévia, que pode ser adaptada para responder às demandas que surgem com o grupo durante o percurso.

Para McNamee, perguntas que valorizam experiências de sucesso promovem a expansão destas e a construção de possibilidades<sup>13</sup>. Portanto, todo o percurso decorrerá das escolhas e construções feitas para e nas entrevistas.

A apresentação dos dados prevê analisar a construção de sentidos e as mudanças produzidas. A utilização do CS tem na linguagem seu elemento central, visto que a IA prevê que o pesquisador busque sentido e coerência aos dados coletados, de forma ordenada e organizada para sua publicação, descrevendo todos os passos de sua análise de forma clara e transparente, possibilitando a compreensão do percurso realizado, envolvendo reflexividade e criticidade sobre a análise feita<sup>13</sup>.

A IA como proposta de pesquisa é apresentada como metodologia que se aproxima da Teoria Crítica, da etnografia, do estudo de caso, da análise de narrativa e da pesquisa-ação, tendo como focos o processo de investigação, a coleta e processamento da informação, buscando o entendimento, assumindo alguns cuidados para isso<sup>13</sup>:

- Postura colaborativa:

Reed (2007) destaca a IA como método colaborativo entre pesquisador e participantes, sendo o pesquisador responsável por encorajá-los a ter voz no processo e levar em conta opiniões e escolhas, mesmo que sejam distintas das suas. Para que consiga a participação, o pesquisador (também participante) deve esclarecer aos sujeitos envolvidos como será desenvolvida a pesquisa, superando os limites e facilitando a confiança, a colaboração e o entendimento.

- Convite para a participação na pesquisa: como forma de ampliar a participação e envolvimento com a pesquisa, o pesquisador deve esclarecer os objetivos do projeto e expor de forma clara como ele vai ocorrer; fazer um convite a todos para falarem sobre suas qualidades e importância no grupo, e de que forma cada um entende que pode participar do estudo, envolvendo assim todos e tornando cada um responsável pela pesquisa.

- Sigilo e cuidados éticos: componente que requer discussão e acerto no grupo para alinhar o que esperam uns dos outros para que haja respeito ao sigilo e ética durante todo o percurso.

- Uso de entrevistas: para o CS, a entrevista compreende espaço de negociação, cujas narrativas serão tomadas pela IA, explorando a utilidade dos relatos construídos. A entrevista como coletora de dados na IA prevê construção conjunta e não tem tempo pré-fixado. Pode se dar em um ou vários encontros, em ambiente informal, e pode ser realizada pelo pesquisador ou entre pares, mas requer encontro final do grupo para apresentar e discutir dados

coletados. Esses acordos serão pactuados ao longo do desenvolvimento do projeto.

- Cronologia do estudo: vai depender do processo de pesquisa, podendo ser construída, reconstruída ou negociada, levando em conta o sentido produzido por cada escolha e a importância do registro de como se dá esse processo todo.

- Posição do pesquisador: pode ser de *insider* – membro do grupo pesquisado, ou *outsider* – alguém externo ao grupo. Ambas as posições tem aspectos favoráveis e contrários, pois quando faz parte do grupo, já o conhece com mais detalhes, mas pode também estar carregado de pré-julgamentos e opiniões, comprometendo a construção de sentidos com o coletivo. Porém, sendo externo ao grupo, vai precisar de um tempo para aproximar-se e conhecer o ambiente pesquisado, mas pode favorecer a realização de perguntas nunca feitas. Deve-se levar em conta que o pesquisador construcionista social também será participante e protagonista na pesquisa, e deverá apresentar e considerar sua posição, independente de qual seja, durante o estudo e a apresentação da construção.

- Possibilidades de análise dos dados: busca de sentido e coerência para o estudo, o que envolve uma reflexão crítica do pesquisador, que deve descrever, de forma clara e transparente, todo o percurso feito.

Essa proposta não se propõe a ser um protocolo, mas uma forma de oferecer fundamentos para que os pesquisadores construam suas propostas de pesquisa ancoradas em referencial apropriado, adaptando a metodologia aos seus objetivos e ao contexto histórico, social e cultural do local em que a desenvolverão.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um resgate ao passado, valorização das experiências e busca por alternativas que criem novas possibilidades e transformações positivas, a IA dá espaço para que cada participantes seja ator no processo de mudança, através do sonho, planejamento e realização, com consciência sobre o potencial de cada um e do grupo. Tomando a postura construcionista social como referencial, oportuniza a construção de significados e o entendimento dos mesmos, de forma a constituir identidade para cada grupo e possibilidades de transformação dos atores e do contexto em que atuam.

Atualmente, o trabalho é central na vida de todos e o local onde os seres humanos passam a maior parte do seu tempo. É onde há interação, expressão,

desenvolvimento de habilidades. O trabalho em saúde é extenuante e cercado de situações conflitantes e negativas, tornando ainda mais importante que o ambiente organizacional seja estimulante e agradável. Tem-se na IA um caminho para que a relação dos profissionais com seu trabalho possa ser pensada e gerida com uma postura apreciativa, em que todos se envolvem e constroem os caminhos de forma compartilhada, atendendo expectativas por meio do planejamento e execução de ações nas quais encontram sentidos.

Com a IA se incorpora postura em busca do sucesso e do que é bom, sem desconsiderar o que não é bom, mas buscando valorizar e alcançar os objetivos. Há o empoderamento dos sujeitos que passam a participar da construção da realidade em que atuam. Ainda, a relação profissional – usuário para o cuidado passa a ser pensada de forma a estimular a apreciação e valorização do que de melhor cada indivíduo possui em sua vida.

Propõe-se assim que a IA seja pensada no campo da saúde como uma tecnologia capaz de estimular mudanças na organização dos serviços e na postura dos profissionais, gerando, conseqüentemente, efeitos sobre os usuários, podendo ser aplicada como metodologia para pesquisa, para o planejamento, execução de ações – grupos, consultas, reuniões etc., e organização geral dos serviços, valorizando a complexidade das necessidades em saúde, de forma a valorizar cada vez mais a importância das pessoas e dos processos relacionais em que constroem tudo conjuntamente, de acordo com seu contexto social, histórico e cultural.

Entende-se com esse artigo que o advento do CS e das práticas apreciativas está intimamente relacionado ao planejamento estratégico participativo amplamente utilizado (ou pelo menos discutido e aspirado) no campo da saúde, sendo necessários novos estudos para ampliar a reflexão a respeito.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Merhy EE, Franco TB. Trabalho em Saúde. Material produzido para a EPJV / FIOCRUZ. 2005. Disponível em: [http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/indexados\\_05.pdf](http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/indexados_05.pdf). Acesso 08.06. 2013.
2. Maeyama MA, Cutolo LRA. As concepções de saúde e suas ações consequentes. Arq. Catarinen. Med. 2010; 39(1): 89-96.
3. Loch-Neckel G et al. Desafios para a ação interdisciplinar na atenção básica: implicações relativas à composição das equipes de saúde da família. Ciênc. Saúde Coletiva. 2009; 14(Suppl. 1): 1463-72.
4. Guanaes C, Mattos ATR. Contribuições do movimento construcionista social para o trabalho com famílias na Estratégia Saúde da Família. Saude soc. 2011; 20(4): 1005-17.
5. Coelho MO, Jorge MSB, Araujo ME. O Acesso por meio do Acolhimento na Atenção Básica à Saúde. Revista Baiana de Saúde Pública. 2009; 33(3): 440-452.
6. Merhy EE, Franco TB. Por uma composição técnica do trabalho centrada nas tecnologias leves e no campo relacional. Saúde Debate. 2003; 27(65), Ano XXVII. Disponível em: [http://www.professores.uff.br/tuliofranco/textos/composicao\\_tecnica\\_do\\_trabalho\\_emerson\\_merhy\\_tulio\\_franco.pdf](http://www.professores.uff.br/tuliofranco/textos/composicao_tecnica_do_trabalho_emerson_merhy_tulio_franco.pdf). Acesso em 08.06. 2013.
7. Lacerda JT, Moretti-Pires RO. Eixo II - O trabalho na Atenção Básica: proc esso de trabalho na atenção básica. In: UNA-SUS/UFSC. Especialização Multiprofissional na Atenção Básica. Florianópolis: UFSC. 2013. p.11-94.
8. Burr V. Social constructionism. 2. ed. New York: Routledge, 2003. 225p.
9. McNamee S. Research as social construction: Transformative Inquiry. Sau. & Transf. Soc. Florianópolis. 2010; 1(1): 9-19. Disponível em: [http://pubpages.unh.edu/~smcnamee/research/Research\\_as\\_S\\_C\\_\(Brazil\).pdf](http://pubpages.unh.edu/~smcnamee/research/Research_as_S_C_(Brazil).pdf). Acesso em: 25 05. 2013.
10. Gergen KJ. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. R. Inter. Interdisc. INTERthesis. 2009; 6(1). Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2009v6n1p299/10807>. Acesso em 24 05. 2013.
11. Moscheta MS, Santos MA. Inclusão e o desafio de criar formas de investigação colaborativas: um relato de experiência. Sau. & Transf. Soc. 2010; 1(1): 154-9.
12. Moscheta MS. Responsividade como recurso relacional para a qualificação da assistência a saúde de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (Tese). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo (USP): Ribeirão Preto, 2011.
13. Vilela e Souza L, McNamee S, Santos MA. Avaliação como construção social: investigação apreciativa. Psicologia&Sociedade. 2010; 22(3): 598-607.
14. Dutra MC. Comunicação e trabalho: as (im)possibilidades da investigação apreciativa (Tese). Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2010. 229p.
15. Franco TB, Merhy EE. Mapas analíticos: um olhar sobre a organização e seus processos de trabalho. Universidade Federal do Rio de Janeiro – Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde, 2007. Disponível em: [http://www.medicina.ufrj.br/micropolitica/textos/mapas\\_analiticos.pdf](http://www.medicina.ufrj.br/micropolitica/textos/mapas_analiticos.pdf). Acesso em: 28.05. 2014.
16. Cooperrider DL, Whitney D. Appreciative inquiry: a positive revolution in change. San Francisco: BK, 2003.
17. Valença AC. Mediação: método da investigação apreciativa da ação-na-ação – teoria e prática de consultoria reflexiva. Recife: Bagaço, 2007.
18. Cooperrider DL, Whitney D. Investigação apreciativa: uma abordagem positiva para a gestão de mudanças. Qualitymark, 2006.
19. Gergen KJ, Gergen M. Construcionismo social: um convite ao diálogo. Tradução Gabriel Fairman. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010. 118p.
20. Cooperrider DL, Whitney D. Appreciative Inquiry: Collaborating for Change. San Francisco: Berrett-Koehler Communications, Inc. 1999.
21. Ribeiro EM, Pires D, Blank VLG. A teorização sobre processo de trabalho em saúde como instrumental para análise do trabalho no Programa Saúde da Família. Cad. Saúde Pública. 2004; 20(2): 438-46.
22. Fortuna CM, et al. O trabalho de equipe no programa de saúde da família: reflexões a partir de conceitos do processo grupal e



- de grupos operativos. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2005; 13(2): 262-8.
23. Jorge JS, Corradi-Webster CM. Consultório de rua: contribuições e desafios de uma prática em construção. *Saúde Transform. Soc.* 2012; 3(1): 39-48.
  24. Vilela e Souza L, Santos MA. Processo grupal e a atuação do psicólogo na Atenção Primária à Saúde. *Journal of Human Growth and Development*. 2012; 22(3): 388-95.
  25. Razzolini Filho E, et al. A investigação apreciativa como uma ferramenta para a construção da estratégia organizacional. *Revista Organização Sistêmica*. 2013; 4(2): 180-206.
  26. Corradi-Webster CM. Consumo problemático de bebidas alcoólicas por mulheres: discursos e histórias (Tese). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP): Ribeirão Preto, 2009.